



A teoria processual como um referente possível na investigação em Ciências Sociais do Desporto - um estudo com jogadores portugueses da seleção nacional masculina de Râguebi de sub-17

Nuno Pimenta

Instituto Superior da Maia
Loughborough University
Nj.pimenta@gmail.com

Claudia Pinheiro

Instituto Superior da Maia
pincludia@gmail.com

Júlia Castro

Instituto Superior da Maia
jcastro@ismai.pt

Alberto Albuquerque

Instituto Superior da Maia
aalbuquerque@ismai.pt

Rui Resende

Instituto Superior da Maia
rresende@ismai.pt

Resumo

A teoria configuracional é marcada pelo afastamento de perspetivas sociais rígidas e estáticas determinada a estudar, a compreender e a explicar os fenómenos sociais de uma forma processual e interdependente.

O quadro conceptual proposto por Norbert Elias fornece às teorias sociais uma perspetiva de construção de conceitos empíricos base, cuja função principal é a de ultrapassar as dicotomias tradicionais entre individuo e sociedade e consequentemente permitir o acesso à compreensão das redes humanas de interdependência.

Esta teoria é inspiradora de novas abordagens investigativas interrogando,



desde logo, as perspetivas tradicionais. O objetivo de um processo investigativo é a descoberta, contudo, é frequentemente obscurecido por discussões formais, também conhecidas por 'guerras de paradigmas' em torno do método de investigação científica.

Esta abordagem centra-se na ideia de que a investigação deve ser guiada pela teoria, no entanto não deve estar fechada a possíveis modificações ao longo do processo.

O presente estudo tem dois objetivos principais: i) enquadrar as dimensões das redes de interdependência associadas à ideia da teoria processual de Norbert Elias nas abordagens metodológicas atuais na investigação em Ciências Sociais do Desporto; ii) apresentar um estudo empírico com jogadores portugueses da seleção nacional masculina de rugby de sub-17, partindo daquele referente teórico.

Palavras chave: Configurações; Métodos; Processos.

Abstract

Figurational theory tries to avoid a static and isolated social approach, and seeks to offer an approach determined to study, understand and explain the social phenomena in a more developmental, processual and interdependent way.

The challenge posed to sociological theory is the construction of empirically-based concepts, which, overcoming the traditional dichotomy between the individual and society, would allow us to understand the webs of interaction that bond humans together.

This theory may inspire new research approaches questioning traditional perspectives. The aim of a research process is discovery, however, it has been constantly obscured by formal distinctions, also known as 'paradigm wars', about the research method. Research should be guided by theory, however, it should not be closed to possible changes throughout the research process

The present study has two main objectives: i) to frame the webs of interdependent dimensions associated with Norbert Elias processual theory in the current methodological approaches in Social Sciences of Sport; ii) to provide an empirical study with Portuguese Under 17 National Rugby Players, having in consideration that theoretical framework.

Keywords: Figurations; Methods; Processes.



Résumé

La théorie configurationnelle est marquée par la suppression des perspectives sociales statiques et rigides déterminé d'étudier, de comprendre et d'expliquer les phénomènes sociaux dans un monde interdépendant procédural.

Le cadre conceptuel proposé par Norbert Elias fournit un point de vue des théories de la construction sociale de la base de concepts empiriques, dont la fonction principale est de surmonter la dichotomie traditionnelle entre l'individu et la société et par conséquent permettre l'accès à la compréhension des réseaux humains de l'interdépendance.

Cette théorie est source d'inspiration de nouvelles approches d'enquête, et interroge les perspectives traditionnelles. L'objectif d'un processus d'enquête est la découverte, cependant, est souvent masqué par des discussions officielles, autrement connues comme « guerres de paradigme » autour de la méthode de recherche scientifique.

Cette approche met l'accent sur l'idée que la recherche devrait être guidé par la théorie, cependant, ne doivent pas être fermés aux modifications possibles le long du chemin.

La présente étude vise deux objectifs principaux: i) encadrent les dimensions de l'interdépendance, associée à l'idée d'une théorie procédurale de Norbert Elias dans des approches méthodologiques en Sciences Sociales de la recherche de sport ; II) présente une étude empirique avec des joueurs portugais des hommes nationale de l'équipe nationale de rugby XV moins de 17 ans féminine, laissant que pour théorique.

Mots-clés: Méthodes; Processus; Figurations.

A teoria processual de Norbert Elias – breve abordagem

Introdução

A perspectiva comumente conhecida como "sociologia configuracional" foi desenvolvida por Norbert Elias reflete sobre a existência de redes sociais de interdependência que influenciam as convicções, as percepções e os comportamentos humanos. No entanto, Elias usava com frequência o termo



“sociologia processual” para explicar o mundo social como algo produzido e reproduzido através de atores individuais. Desta forma, as ligações sociais são entendidas como uma estrutura temporal de longo termo e as suas dinâmicas não deverão ser unicamente explicadas em função das características dos indivíduos.

A teoria configuracional é marcada pelo afastamento de perspetivas sociais rígidas e estáticas e está determinada a estudar, a compreender e a explicar os fenómenos sociais de uma forma processual e interdependente.

O quadro conceptual proposto por Norbert Elias fornece às teorias sociais uma perspetiva de construção de conceitos empíricos base, cuja função principal é a de ultrapassar as dicotomias tradicionais entre individuo e sociedade e consequentemente permitir o acesso à compreensão das redes humanas de interdependência.

Segundo Elias uma configuração é uma rede dinâmica de interdependências e ligações de poder entre pessoas dependentes e que se orientam mutuamente.

Uma que vez que as pessoas são mais ou menos dependentes umas das outras por natureza e através da aprendizagem social, da educação, da socialização e das necessidades recíprocas socialmente criadas, consequentemente elas existem apenas como pluralidades, e inseridas em configurações (Elias, 1978, p. 261).

Estas relações são diretas ou indiretas e embora não possam ser medidas de forma precisa, são sentidas pelos indivíduos que constituem múltiplas e co existentes configurações.

As configurações podem ser mais ou menos complexas, estáveis, duráveis, harmoniosas e reguladas. Podem ter um ou vários graus de integração, maiores ou menores diferenciais de poder e um maior ou menor número de indivíduos, os quais por seu turno podem pertencer a outras configurações onde poderão desempenhar diferentes papéis.

Um estímulo chave para o quadro teórico que Elias propõe é a reflexão acerca da prática dos outros investigadores em Ciências Sociais. Elias observou que muitos investigadores procuravam compreender os comportamentos, as opiniões e as experiências dos indivíduos e posteriormente processar os resultados estatística e individualisticamente. Ao centrarem-se nas partes componentes, os investigadores esperavam trazer à luz as características dessas unidades compósitas – como se o todo fosse igual à soma das partes.



Desta forma torna-se essencial explorar não apenas a unidade compósita em relação às suas partes componentes mas também a forma processual através da qual os componentes (indivíduos) estão ligados entre si por forma a criar uma configuração complexa e fluída.

Por forma a compreender uma configuração é crucial interpretar as relações interdependentes, as posições estabelecidas que os indivíduos ocupam nessa configuração, bem como as relações entre as múltiplas configurações às quais as pessoas pertencem (Elias, 2001).

A configuração desportiva

Apesar dos dados obtidos através de cada indivíduo serem únicos e representarem as suas experiências e ideias, não os podemos dissociar e isolar dos restantes elementos. Os atletas pertencem a uma configuração desportiva e como tal, interagem direta e indiretamente com os outros membros dessa configuração. Um clube de rãguebi é assim, uma configuração constituída por várias e complexas ligações.



Figura1: Configuração de um Clube de Rugby



As ações, pensamentos e experiências de um indivíduo, não devem ser analisadas como algo isolado dos restantes membros do universo desportivo. Isto significa ainda que a sua participação é altamente influenciada, levando-os a uma devoção que poderá ultrapassar as suas expectativas e intenções iniciais.

No desporto, os jogadores pertencem a largas cadeias de interdependência, sendo portanto interdependentes com um largo número de pessoas tais como treinadores, médicos, adeptos, direções e até mesmo os outros jogadores, sendo eles colegas de equipa ou adversários. Isto vai provavelmente “compeli-los a agir de formas que não agiriam caso não estivessem sobre compulsão” (Elias, 1980, p. 102). Os jogadores de rãguebi estão integrados no que Nixon (1993) considera ser uma ‘rede desportiva’, rede essa que designa as relações e interações de poder dentro do mundo desportivo. Essas ligações de poder são tão complexas que por vezes os jogadores nem se apercebem ao certo do seu real grau de influência.

No rãguebi não podemos também dissociar as dinâmicas de grupo entre os jogadores adversários e os da mesma equipa. Essas dinâmicas de grupo são tanto maiores e mais complexas, quanto maior é o número de jogadores. O incremento da complexidade das dinâmicas de grupo significa que cada atleta terá um menor controlo no padrão de jogo. Os comportamentos, e as formas de jogar são desta forma influenciadas quer pelos companheiros de equipa, quer pelos adversários. Para poder ultrapassar um adversário, o atleta poderá ter que realizar uma brusca mudança de direção ou velocidade, “o que poderão ser movimentos que impõem uma grande tensão corporal” (Waddington, 2000, p. 22). Quanto mais envolvidos na rede desportiva, maior será a probabilidade dos atletas serem influenciados pelos restantes elementos. Assim, a predisposição dos atletas para aceitarem a dor e as lesões, poderá ser um reflexo de convicções originárias de uma cultura de risco evidenciada por treinadores, equipas médicas ou colegas de equipa. Poderemos também afirmar, que os jovens atletas serão ainda mais vulneráveis às influências da rede desportiva em que se encontram, pois apresentam a sua personalidade em construção.

Segundo Dunning (1999), o desporto é uma das últimas expressões socialmente aceites de violência física. Ao longo dos últimos anos podemos constatar uma redução do limiar de aceitação de atos violentos. O facto de que o risco e os atos violentos são altamente controlados na atualidade, poderá ajudar-nos a explicar porque alguns atletas veem no desporto uma atividade onde os seus limites poderão ser finalmente testados. Nalguns casos, os jogadores optam por praticar desportos mais violentos devido à sua natureza agressiva, podendo desta forma provar a sua



virilidade. Constatemos então que no desporto poderão ser observadas quatro características chave:

- “uma predisposição para a realização de sacrifícios;
- a busca da distinção;
- a aceitação do risco e da possibilidade/probabilidade de competir com dores;
- e uma aceitação tácita de que não há limite na busca do melhor desempenho” (Maguire, 2002, p. 3).

Os constrangimentos sociais em torno dos jogadores portugueses da seleção nacional masculina de rãguebi sub-17

Metodologia

Participantes

Participaram neste estudo 15 (n=15) jogadores de rugby com idades compreendidas entre os 16 anos e os 17 anos. O processo de seleção aplicado foi o da ‘não probabilidade’, baseado num critério de escolha por conveniência.

Instrumentos e procedimentos

O instrumento de colheita de dados foi o guião de entrevista semiestruturada. Os atletas foram entrevistados em função da sua disponibilidade num gabinete do estádio do Jamor, ao longo de dois dias de treino da seleção nacional. A duração de cada sessão de entrevista foi de aproximadamente 30 minutos.

Apresentação e discussão dos resultados

Na nossa investigação, os entrevistados mencionaram que apesar de não serem profissionais, jogavam e treinavam com alguma frequência lesionados ou com dores. Um jogador referiu:

É o gosto por este desporto. É o gosto (...) de saber que tenho uma equipa toda que está disposta a lutar por um objetivo comum e eu puder ajudar para atingir esse objetivo, percebe? Poder, mesmo lesionado, conseguir levar a equipa á vitoria. Se conseguir contribuir mesmo um pouco que seja para acompanhar, fico contente. Tudo que eu possa fazer lesionado ou não lesionado para ajudar a equipa, ajuda-me a realizar a mim próprio.



Outro jogador referiu que considera que jogar lesionado ou com dores é algo intrínseco à cultura do rãguebi:

Está incutido na modalidade. Jogar mesmo por querer, jogar com dores. Eu só deixo de jogar quando sinto mesmo que é impossível continuar. Aliás tive uma lesão, uma entorse de 2º grau, em que fiquei estendido no chão e não consegui dar mais. Sentimos dores musculares mas continuamos sempre. Nunca desistir! O rãguebi é um desporto com tendência a lesões. É normal esquecermos as dores e concentrarmo-nos no jogo. Faz parte desta cultura.

A dor é uma resposta natural do nosso corpo às lesões, e geralmente alerta-nos de que algo de errado pode estar a acontecer. Mais concretamente, a dor é uma “desagradável sensação e experiência emocional, associada a uma real ou potencial lesão dos tecidos” (Howe, 2004, p. 74). Se negligenciarmos este aviso, então estamos a expormo-nos à possibilidade de adquirir lesões graves, as quais podem tornar-se permanentes.

A maioria dos entrevistados referiu que não estavam preocupados com a possibilidade de adquirir lesões permanentes e alguns nunca tinham pensado nessa questão. No entanto, alguns mencionaram que já têm lesões permanentes, mas mesmo nesses casos, só param de competir caso não consigam suportar mais as dores. Por exemplo, um jogador referiu que já tem alguns dedos das mãos deformados mas considera isso como algo normal tendo em conta a posição tática que habitualmente ocupa em campo.

Entrevistador: Já alguma vez paraste por causa dessa lesão?

Jogador: Não, não por causa dos dedos.

Entrevistador: Mas não tens dores?

Jogador: Sim tenho, mas ligo os dedos e jogo. O fisioterapeuta liga-me os dedos e diz-me para ir jogar.

Entrevistador: E não pensas que essas lesões se podem tornar graves?

Jogador: Sim, vão ser para sempre. Mesmo que eu pare vou ter estes problemas.

Entrevistador: E isso não te preocupa?

Jogador: Não, não me preocupa. Eu já tenho estas lesões há algum tempo portanto... No início assusta um bocado mas depois habituamo-nos.

Outro jogador mencionou que estava preparado para sacrificar os seus dedos, caso fosse necessário para poder continuar a jogar rãguebi. Para eles, o mais importante é conseguirem continuar a jogar e a ajudar a equipa a alcançar vitórias.



Jogador: Se uma pessoa jogar lesionada, como é óbvio depois do jogo é tratada como se fosse um herói portanto... Por exemplo, um colega nosso tinha a mão partida, ele magoou-se antes (de um jogo) e esteve a fazer tudo para não ser operado... Esteve a jogar com uma tala aqui na mão para poder jogar e aguentou até à final sem ser operado, até que a certa altura aquilo 'soldou' torto e ele agora está com o dedo apontado para fora. Agora, supostamente, tinha que partir aquilo para voltar a pôr no sítio, mas paciência...

Os jogadores que aceitam os riscos de competir lesionados são um exemplo a seguir pelos colegas e até mesmo uns heróis:

Eu já vi um colega meu a partir a clavícula e a dizer que conseguia entrar e continuar a jogar. E jogou! Eu acho que com isso ganhou o meu respeito...

Esta cultura que exalta e incentiva a competir lesionados, aumenta a propensão dos atletas para adquirirem lesões graves. Outro jogador relatou uma lesão que tem num joelho:

Entrevistador: Tens receio de ficar com alguma lesão para o futuro?

Jogador: Eu tenho neste joelho, eu não consigo dobrar o joelho todo como consigo com o outro e acho que nunca vai ficar a 100%.

Podemos observar que este atleta, apesar de ainda treinar nas camadas jovens, já adquiriu uma lesão permanente. Mesmo assim, continua a competir negligenciando os naturais riscos que daí poderão advir. Tal como referido anteriormente, o râguebi é uma modalidade amadora em Portugal, e por vezes as condições de treino não são as ideais:

Jogador: Ainda no outro dia estive a falar disso lá no clube e dizia que se por acaso alguém se magoava a sério, se partia um pé ou assim,... ou se magoava ainda mais, se tinha uma lesão mais grave... O sítio onde nós jogamos não é (numa grande cidade), e o clube está com o relvado todo estragado... E ainda é longe de um hospital minimamente decente por isso era capaz de ser complicado.

Entrevistador: E a opinião dos teus colegas é a mesma? Também têm esse receio?

Jogador: Claro, é muito perigoso. O râguebi em Portugal ainda não tem muito apoio a nível financeiro, porque nós temos o campo de râguebi lá (numa cidade) que é onde nós jogamos e temos um campo de futebol ao lado, e no campo de futebol, normalmente quando nós estamos a jogar, tem jogos de futebol de miúdos para aí de 7 anos e tem sempre lá polícias, ambulância, tem tudo, enquanto que para os do râguebi não tem nada... Nem árbitros temos de vez em quando!

Constatemos o espírito de um jogador da seleção nacional de râguebi de sub-17 pelas palavras do seguinte atleta:



Para mim, eu dou a vida dentro de campo por qualquer jogador. Sejam mais ou menos amigos, para mim isso não interessa. Para mim somos uma equipa. É viver ao máximo e dou a vida por quem seja dentro de campo. Não pode ele vou lá eu, simples... E isso dá-me uma garra imensa.

Os entrevistados relataram diferentes exemplos de lesões que contraíram enquanto treinavam ou competiam. Um jogador mencionou que já teve pelo menos três lesões graves desde que iniciou a prática desta modalidade. Segundo alguns atletas, um ombro deslocado, um pé ou nariz partido são lesões menores e normais.

Jogador: Já desloquei o ombro 2 vezes, já parti o pé, já abri o nariz muitas vezes, já abri o sobrolho mais do que uma vez... Assim esses pequenos tipos de lesões. Mas o mais frequente é mesmo joelho e ombros. Joelhos porque é a plataforma onde nós exigimos mais força e os ombros porque é a parte do corpo com que vais sempre ao contacto. É onde há mais esforço físico.

Entrevistador: Dessas vezes que te lesionaste, chegaste a jogar ou a treinar alguma vez com dor?

Jogador: Já... Várias vezes. Porque é muito difícil neste desporto treinar sem dores. Temos sempre qualquer coisinha. Nem que seja uma pequena mazela, por isso... Sempre que estive lesionado treinei várias vezes com dores para não deixar a equipa mal, para fazer o meu trabalho bem feito. Claro que não sai tão bem... Mas damos sempre o máximo.

Neste caso, o jogador referiu que opta por competir lesionado mesmo que a sua prestação desportiva possa sair comprometida. Os jogadores são por vezes pressionados por outros elementos da rede desportiva, tais como treinadores ou equipa médica, para suportar as dores e as lesões. Os atletas são incentivados a continuar a competir caso isso seja relevante para a obtenção de resultados positivos. Assim, esta cultura de aceitação da dor é encorajada desde as camadas jovens, pelo que os atletas adultos a vão provavelmente replicar com naturalidade.

Jogador: O treinador e o fisioterapeuta puxam sempre por nós e pelos jogadores. E mesmo os nossos colegas também puxam por nós.

Entrevistador: De que forma?

Jogador: Incentivando. Se eles veem que eu estou com dor incentivam-me, dizem-me para aguentar mais um bocado e tens de fazer esse esforço.

Entrevistador: E o treinador também tem essa postura?

Jogador: Tem. Sim. Se for fundamental e se o jogo estiver a acabar diz sempre para eu aguentar.



Por vezes o departamento médico trata os jogadores por forma a poderem continuar a jogar lesionados, mesmo antes da sua completa recuperação.

Jogador: Tive uma contratura nas costas e tiveram-me a dar, como é que aquilo se chama? Relaxantes musculares e anti-inflamatórios para eu poder jogar no último jogo. Num jogo não podia jogar porque aí nem me mexia, andava torto, não me conseguia mexer...

Entrevistador: Chegaste a jogar?

Jogador: Cheguei a jogar a primeira parte e depois a segunda já não aguentava...

Entrevistador: E porque é que paraste?

Jogador: Porque levei outra pancada no mesmo sítio e já não aguentei mais...

Outro jogador revelou que por vezes realizam vários jogos em poucos dias o que dificulta ainda mais a recuperação física.

Jogador: Estive (numa competição internacional) e fizemos 5 jogos em 2 dias. E nunca podemos dizer... Claro que chegava aos jogos e já estava completamente... Nós conseguimos ganhar esse campeonato e na final já não mexia o pescoço. Faço parte da 1ª linha, aquela secção que encaixa, e são tantas as formações por jogo e tantas 'placagens' e tantas entradas sempre a bater com os ombros e com o pescoço, que cheguei ao 5º jogo e já não mexia. Fui fazer esse jogo sem mexer o pescoço. E não era o único, havia mais. Só que por exemplo, fui dos poucos que fiz os 5 jogos do princípio ao fim e fiquei mesmo muito mal tratado.

Considerações finais

Os dados apresentados neste trabalho estão em consonância com os resultados obtidos em investigações anteriores nesta área, quer ao nível do desporto profissional, quer ao nível do desporto amador. Todos os atletas entrevistados afirmaram que já competiram e treinaram pelo menos uma vez com dores ou lesionados. Referiram que sabem que é muito difícil atingir a profissionalização neste desporto mas apesar disso, revelam uma cultura de aceitação e banalização da dor e das lesões como algo intrínseco ao rãguebi. Aceitam a ideia de que para melhorar os seus resultados desportivos, "irão ter que aceitar a dor como algo banal" (Waddington, Loland, & Skirstad, 2006, p. 9). São encorajados desde jovens a adotar esta cultura e desde cedo adquirem lesões graves que se podem tornar permanentes. Encontra-se intrínseco ao desporto uma cultura do risco, a qual normaliza experiências de dor e lesão e que segundo Howe (2004) valoriza e glorifica os atletas que estão predispostos a treinar e a jogar com dores ou lesionados. Alguns jogadores consideram que por



terem um treino físico e muscular intenso, estão mais preparados para suportar as dores e evitar lesões, o que os poderá levar a competir com uma falsa sensação de segurança. A crescente competitividade do desporto contemporâneo predispõe os atletas a um maior compromisso e dedicação. Isto significa que os jogadores irão dar maior ênfase à obtenção da vitória e como tal, predispostos a maiores sacrifícios. Segundo as palavras de um atleta: "Se nós tivéssemos medo de ficar com lesões para o futuro ninguém fazia desporto". Os jogadores revelaram sentir um orgulho enorme por pertencerem à seleção nacional e como tal não querem desiludir as expectativas que neles são colocadas, nem desiludir os restantes elementos da configuração desportiva. Assim, irão procurar competir e treinar sempre, mesmo que para isso tenham que suportar dores ou agravar alguma lesão. Esta ética é um "valor presente inerente a muitas subculturas desportivas, a qual encoraja os atletas a procurarem a distinção, a realizarem sacrifícios, a jogar com dores e a colocarem poucos limites na sua busca pelo sucesso e respeito no mundo desportivo" (Young, 2004, p. 5). Podemos então afirmar que o desporto, quando praticado a um nível competitivo, "só poderá existir se os atletas estiverem predispostos a aceitar o risco de adquirir dores ou lesões, uma vez que as lesões são inevitáveis com a continuação da prática desportiva" (Nixon, 2004, p. 84).

As diferentes dimensões do pensamento destes atletas face à dor e lesão evidenciam que esta cultura de risco deve ser analisada e compreendida como algo emergente da configuração desportiva e não como uma característica própria do indivíduo.

A investigação a partir da teoria processual como referente essencial na área das Ciências do Desporto está ainda em Portugal numa fase exploratória. A complexidade das configurações desportivas apela a um esforço investigativo urgente que considere diferentes dimensões configuracionais tais como: a profissionalização, o género, e as características das diferentes modalidades.

Referências

- Dunning, E. (1999). *Sport Matters*. London and New York: Routledge.
- Elias, N. (1978). *The Civilizing Process: The History of Manners* (Vol. 1). Oxford: Basil Blackwell.
- Elias, N. (1980). *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70.
- Elias, N. (2001). *The Society of Individuals* (E. Jephcott, Trans.). New York and London: Continuum.
- Howe, P. D. (2004). *Sport, Professionalism and Pain*. London and New York: Routledge.



- Maguire, J. (2002, 6-7 May). Performance Efficiency or Human Development? Reconfiguring Sports Science. Paper presented at the Idrett, Samfunn og Frivillig Organiserings Conference. Retrieved May 15, 2011, from <http://www.forskningsradet.no/servlet/Satellite?blobcol=urldata&blobheader=application%2Fpdf&blobheadername1=Content-Disposition%3A&blobheadervalue1=+attachment%3B+filename%3DJosephMaguire.pdf&blobkey=id&blobtable=MungoBlobs&blobwhere=1274460305331&ssbinary=true>
- Nixon, H. (1993, June). Accepting the Risks of Pain and Injury in Sport: Mediated Cultural Influences on Playing Hurt. *Sociology of Sport Journal*, 10(2), 183-196.
- Nixon, H. (2004). Dimensions of Pain and Injury Experiences. In K. Young (Ed.), *Sporting Bodies, Damaged Selves* (pp. 81-97). Oxford: Elsevier.
- Waddington, I. (2000). *Sport, Health and Drugs*. London and New York: E & FN Sport.
- Waddington, I., Loland, S., & Skirstad, B. (2006). *Pain and Injury in Sport*. London and New York: Routledge.
- Young, K. (2004). *Sporting Bodies, Damaged Selves*. Oxford: Elsevier.